

Palmira - *ܩܢܘܝܬܐ*. Cidade Porta do Império Romano para o Oriente

Andrea Piccini*

PICCINI, A. Palmira - *ܩܢܘܝܬܐ*. Cidade Porta do Império Romano para o Oriente. R. *Museu Arq. Etn.*, 32: 203-210, 2019.

Resumo: A base deste projeto de pesquisa foi o levantamento documental, bibliográfico e fotográfico, com visitas às escavações em campo, assim como ao Museu de Palmira e ao Museu de Arqueologia de Damasco, em 1999 e 2001. A justificativa da escolha dessa cidade, além da posição estratégica de controle dos territórios periféricos do Império Romano longe da capital, Roma, revela-se também pela forte presença de pontos comerciais que promoviam parte da riqueza do Império pelo comércio com outros países da Ásia Central, Índia, China e todos os territórios em volta do Golfo Pérsico. A arquitetura da reconstrução da cidade e os restos arqueológicos da época romana revelam a grandiosidade e a importância que Palmira assumiu quando declarada Cidade do Império Romano.

Palavras-chave: Arqueologia da cidade romana; Cidade romana na Síria; Reconstrução da cidade; Província romana do Oriente Próximo; Urbanização da cidade romana.

1. Introdução

A importância da expansão do Império Romano em direção às áreas do Oriente Próximo, da Índia e de ocupação chinesa da Ásia Central para desenvolver um importante comércio que foi a base do desenvolvimento das cidades de Petra, atual Jordânia, Palmira, atual Síria e Timgad, atual Argélia, são objeto de nossa pesquisa arqueológica da arquitetura. Esta pesquisa é baseada em duas linhas de análise sobre a reconstrução da cidade de Palmira:

1 - Ocupação da província romana do Oriente Próximo para a Ásia Menor;

2 - A importante repercussão na arquitetura na reconstrução romana dessa cidade depois da conquista.

A cidade de Palmira, conhecida desde o século II a.C., antes da conquista romana fazia parte do Reino Selêucida da Síria. Em seguida, torna-se uma cidade independente, capital do Reino de Palmira, antes da anexação ao Império Romano. Sendo assim, de 64 a 37 a.C., era já uma cidade independente da Província da Síria; de 38 a 18 a.C., com a conquista romana, a cidade é declarada cliente de Roma, semiautônoma desde o I século d.C.; de 19 a 106 d.C., é declarada definitivamente cidade do Império Romano.

Na sua origem, em 2.000 a.C., era uma cidade semita construída no oásis da atual cidade de Tadmor, onde chegavam as primeiras caravanas atravessando o deserto do centro do território sírio. Em aramaico, era chamada de

(*) Pesquisador Associado do Laboratório de Arqueologia Romana Provincial, LARP-MAE/USP <apiccinibr@gmail.com>

Tedmurta e, em seguida, de Tadmor, no período árabe desde 634 d.C.

2. A expansão romana no contexto arqueológico

No ano 24 a.C., o Imperador Júlio César Augusto ordenou que os exércitos romanos entrassem nos territórios do atual Oriente Próximo, como o de Palmira, Arábia Saudita, Iêmen, e nos territórios do Reino de Sabá do povo dos Nabateus, com capital em Petra, pois, no ano 63 a.C., esses territórios, como a região de Palmira, estavam entre os *clientes* das Províncias do Império Romano.

O programa de viabilidades em específico do sistema viário para a mobilidade das caravanas entre Roma, capital do Império, e os territórios das províncias, como a de Palmira, foi incrementado para controlar os confins orientais do Império Romano, bem como possibilitar sua administração. A presença dos exércitos romanos, sobretudo em Palmira, uma base comercial romana, permitia também monitorar as migrações ou invasões na periferia do Império, além da Arábia Saudita e Iêmen. Ao mesmo tempo, as legiões romanas eram mobilizadas para a construção de uma rede de estradas importantes em todas as regiões de norte a sul do Oriente Próximo.

O Imperador Trajano, no ano 106 d.C., anexou definitivamente a região de Palmira como província romana do Império e a cidade foi definitivamente reconstruída com as características arquitetônicas de influência romana.

A partir do ano 146 a.C., depois das vitórias dos exércitos romanos sobre os cartagineses, a política de expansão do Império Romano foi de dar continuidade à construção de uma rede de estradas para a penetração e ocupação dos territórios do atual Oriente Próximo. A política de construção de estradas foi, portanto, determinante na relação de Roma com a cidade de Palmira.

A ocupação romana dos territórios na região do Oásis de Damasco, no centro do Oriente Próximo em 47 a.C., resultou da continuidade da mobilização do exército na construção de uma importante rede de estradas que levavam até o *Limes Syriae* ao longo de 1.000 quilôme-

tros. Saindo do Oásis de Damasco, com um percurso linear de 215 quilômetros, chegaram até o *Limes Syriae* de Palmira, porta da parte central dos territórios provinciais romanos do Oriente Próximo. A partir de Palmira, o comércio com Roma penetrou nos territórios em grande parte desérticos, até a atual cidade de Aqaba, Aila na antiga língua nabatea, da costa norte do Mar Vermelho.

No ano 60 a.C., as caravanas romanas já viajavam, em compasso com suas atividades comerciais, nos territórios da Mesopotâmia, tanto em direção ao norte quanto ao sul, por rotas terrestres que atravessavam a Pérsia. Os mercadores romanos assim estavam em contato com correspondentes mercadores hindus e chineses pelos navios que chegavam pelos rios ao Golfo Pérsico. Finalmente, em 20 a.C. Roma tinha a seu serviço uma importante rede de estradas em todas as regiões ocupadas por seus exércitos.

Entre os séculos II-III d.C., Palmira começa a aparecer como o centro comercial mais importante entre Ocidente e Oriente, pois as caravanas dos Impérios de Selêucia e Babilônia passavam por essa cidade e os mercadores de Palmira já chegavam aos mercados da Mesopotâmia e do Golfo Pérsico. A abertura comercial de Roma em direção ao Oriente enriqueceu de forma inédita o comércio romano com outra parte do mundo conhecido, que se juntava e ao mesmo tempo incrementava o importante comércio marítimo romano sem precedentes do Mar Mediterrâneo, ou *Mare Nostrum*. É fato que, entre o período do governo de Júlio Cesar Augusto e de Antônio, pela sua grande prosperidade econômica, a população do Império passou de 45 para 60 milhões de habitantes.

As primeiras estradas romanas consideradas importantes, *Viae*, foram construídas a partir de 218 a.C. para defender a capital Roma da invasão de Aníbal. O engenheiro que projetava e construía as estradas e pontes, assim como edifícios, era o *architectus*, com ajuda do nivelador, *agrimensor* ou *librator*. Os trabalhos eram executados pelo mesmo exército romano usado como mão de obra que, ao mesmo tempo, combatia na conquista de novos territórios.

Os primeiros habitantes palmirenses eram aramaicos e amoritas, falando um tipo de dialeto grego, sendo, desde a sua fundação,

uma estação das caravanas de comércio. As diversas línguas foram substituídas pelo árabe depois da conquista islâmica da região em 634 d.C. Originalmente, os habitantes de Palmira adoravam divindades locais como deuses mesopotâmicos, pois a sua cultura era resultado de um cruzamento grego, persa e árabe anterior à expansão do Islão, que mais tarde produziu arte e, sobretudo, arquitetura influenciada pela conquista romana. Antes da ocupação romana, a estrutura social da cidade baseava-se na forma tribal, chefiada por representante eleito pela sua riqueza entre as famílias mais influentes. Após tornar-se colônia romana, Palmira adotou instituições romanas antes de adotar um sistema monárquico, em 260 d.C.

As conquistas do Império Romano dependiam basicamente das guerras de invasão e ocupação com anexação dos territórios conquistados declarados províncias e clientes, seguidas de um processo de integração cultural e comercial das populações conquistadas, como foi o processo de Palmira na reconstrução hoje visível da cidade.

Plínio relata que no ano 75 o comércio não era tão grande, e menciona que caravanas dos Impérios de Selêucia e Babilônia passavam por essa cidade, e que naquele ano mercadores romanos de Palmira atravessavam a Pérsia pelas rotas terrestres e estavam em contato com correspondentes dos mercados da Mesopotâmia, hindus e chineses, assim como por rotas marítimas que chegavam ao Golfo Pérsico (Mc Laughlin 2012)

A expansão e o controle de Roma das províncias do Oriente Próximo mostram como era importante a conquista de Palmira para o controle das rotas comerciais até os limites do Império, que passavam por essas regiões da Arábia em direção à China e à Índia. Os relatos sobre o ano de 119 a.C. mostram que a Dinastia Han da China-Mongólia, depois de combater os Xiognu ou Hunos do Centro-Ásia e passar para as montanhas do Pamir, abriu a possibilidade de interligar-se com uma rede transcontinental. Assim, possibilitou-se a abertura do mundo ocidental com essa dinastia da Ásia Central até Palmira, na Rota da China, futura Rota da Seda, em direção ao Império Romano, referindo-se a um vasto território como o da

China (Mac Laughlin 2012:40): “Breve Relato da Dinastia Wei”, relatado por Yu Han no capítulo intitulado “Povo do oeste” (Yu 1967).

A Dinastia Han, chinesa, com um reino de 400 anos de duração, foi a primeira grande dinastia com importante desenvolvimento comercial com o Ocidente, de 206 a.C. até 220 d.C. Na Última história Han, coletânea dos generais chineses escrita em 125 d.C., são relatadas as atualizações das notícias do Império Romano denominadas *Regiões Ocidentais* ou *Outra China*, referindo-se a um vasto território tão grande quanto o da China (Yu 1967)

Os chineses apelidavam os romanos de Ta-Tsi, e por meio das caravanas que chegavam em Palmira a produção da seda já era conhecida e comerciada em Damasco e Berytus (Beirute). Também os comerciantes romanos já conheciam a Rota da Seda no século II a.C. e foi através dessa que no ano 166 Marco Aurélio organizou uma embaixada de sírios romanizados para contatos com o Imperador da China.

2.1 Palmira nas rotas comerciais

As caravanas, saindo do território da atual Síria (Fig. 1), apelidado de Crescente Fértil, depois atravessando o deserto, chegavam à cidade de Der el Zor, que era geograficamente importante tanto para descer com a mercadoria pelo Rio Eufrates quanto para entrar nos territórios da Bactriana e da Sogdiana, do lado asiático da atual Turquia. Outra direção das caravanas era a sudeste, em direção à cidade de Dura-Europos, Babilônia e Mari, passando para os territórios da Ektabana e Partia, atual Iraque.



Fig. 1. Posição regional de Palmira entre 64 a.C. e 106 d.C. Fonte: Andrea Piccini.

3. Reconstrução romana da cidade de Palmira

3.1 Elementos arquitetônicos clássicos da urbanização de Palmira romana

Depois da conquista e de sua definitiva inclusão no império romano, a total reconstrução de Palmira foi influenciada por uma arquitetura claramente românica. Nessa vista panorâmica da cidade (Fig.2) é visível ao centro o percurso do *Cardo* cruzando o *Decumano*, colonados, tendo à frente o templo de Bell (ou Bel ou Beel ou Ball), circundada pelo oásis no limite da cidade. Pela vista das ruínas da cidade no meio do deserto percebe-se uma grande redução da superfície do oásis, sobrando atualmente algumas hortas.



Fig. 2. Panorâmica da cidade de Palmira. Fonte: Paulo Fernandes.

3.1.1 Arco do Triunfo

Arco Monumental ou do Triunfo, embaixo na foto (Fig. 3), na entrada da cidade, que parece ter sido construído, segundo os estudos, entre os séculos II e III d.C., ao longo do reinado de Septímio Severo (193-211 d.C.). Esse elemento arquitetônico, arco triunfal, marcava o início da entrada da cidade pelo grande colunado central norte-sul, definido *Cardo*, dividido em duas partes pelo cruzamento, em ângulo de 90°, com o *Decumano*, o outro colunado que também dividia a cidade leste-oeste. O monumento foi destruído pelo Estado Islâmico em outubro de 2015, restando muitas das pedras utilizadas em sua construção.

Entrando na cidade pelo Arco do Triunfo vemos, logo à esquerda, o Templo de Nabta; à



Fig. 3. Na parte embaixo da foto é visível o Arco do Triunfo no acesso à cidade. Fonte: Andrea Piccini.

direita, o Mercado; novamente à esquerda, o Teatro; em seguida, a *Ágora*, e, mais à esquerda, o cruzamento do *Cardo* e o *Decumano*, com o monumental *Tetrapylon*. O complexo dos templos era construído no centro da cidade, sendo que na reestruturação e restauração dos anos 80 foi construída uma estrada nacional que liga Palmira a Damasco, capital da Síria, passando no meio da atual parte urbana de Palmira, dividindo a antiga cidade entre a entrada do Arco do Triunfo e o Templo de Bell, imponente bem visível já perto das hortas do oásis.

3.1.2 Templo de Beel

O maior templo de Palmira é denominado “Deus do céu” (Fig.4): em língua aramaica, *Baal*

Shamen ou *Baalshamin*, que era a mais importante divindade ou rei de todos os deuses, antes do deus Júpiter para os povos semitas, como os fenícios, os povos do Egito e da Roma mais antiga, por exemplo. Esse deus, na observância religiosa romana, teve seu nome alterado para Mitra. O templo apelidado Ba'al-Shamin pelos árabes, antes do islamismo, era uma antiga estrutura arquitetônica da Palmira antiga, de pouca visibilidade e de menor importância. Foi construído no século XVII, na sua primeira estrutura mais simples, e no ano 130 d.C. foi ampliado pelo imperador Adriano, dando uma monumentalidade arquitetônica e decorativa mais visível.



Fig. 4. Templo de Beel. Fonte: Paulo Fernandes.

Mais tarde, foi novamente enriquecido por particulares decorativos característicos do estilo greco-românico e tardo-românico. O grande espaço religioso é formado por um grande pátio externo aberto com piso de pedras, em cujo centro foi construído o grande templo retangular com orientação norte-sul. Além do templo principal, outras construções religiosas secundárias estão presentes no interior do grande espaço aberto. Todo o terreno era circundado por um alto muro de 200 metros, com entrada principal no lado ocidental.

Do lado externo do templo foram construídos, ainda presentes, pórticos sustentados com duas fileiras de colunas que fazem parte da construção principal de estilo coríntio. Esse templo era uma construção que simbolicamente representava uma religião comum dessa região, desde a área do Mar Mediterrâneo latino, do império grego, romano e da Mesopotâmia.

3.1.3 *Tetrapylon*, cruzamento do *Cardo* com o *Decumano*

A seção ocidental do colunado do *Cardo* (Fig. 5) foi erguida primeiro, com largura de 11,4 metros e com uma extensão de 500 metros na sua extremidade de encontro com o *Decumano*, ao fundo da imagem. A seção ocidental desembocava no Arco Monumental e possuía largura variando entre 11,7 e 22,7 metros. A seção central possuía prédios cívicos ao longo dela, com a largura variando entre 10 e 14 metros. Essa conectava as duas outras e foi erguida no começo do século III d.C.



Fig. 5. Colunado da entrada do arco do Triunfo. Fonte: Andrea Piccini.

No cruzamento entre o *Cardo* e o *Decumano* de Palmira foi construído o monumental *Tetrapylon* (Fig.6). Comum na arquitetura das cidades romanas, é formado por quatro torres, cada uma composta de quatro altas colunas sobre bases, de modo a ser visto de longe, pois perto dessa sinalização encontravam-se ainda visíveis o teatro e o mercado.

3.1.4 *Teatro*

O Teatro (Fig. 7) é outra construção arquitetônica importante das cidades romanas. Construído inteiramente de pedras pelo Imperador Septímio Severo no século II d.C., o teatro, com uma estrutura arquitetônica semicircular, está localizado perto da porta monumental norte da entrada da cidade. Os espaços de uso das atividades teatrais eram claramente definidos pelas suas características arquitetônicas.



Fig. 6. Tetrapylon. Fonte: Paulo Fernandes.



Fig. 7. Teatro, vista da cenografia. Fonte: Paulo Fernandes.

A estrutura, com a área da orquestra central toda pavimentada com pedras, é construída com 12 arquibancadas de fileiras de assentos para o público, de frente para o grande palco, que fechava inteiramente o espaço do teatro. A cenografia imponente do palco é sustentada por uma série de colunas na parte central que lembra a entrada do templo da mesma cidade. Outras colunas nas duas laterais e num plano mais afastado complementam o conjunto.

Particular interessante era a presença de uma trave com uma decoração de flores

estilizadas, com o uso do símbolo do “infinito”, elemento religioso indiano e budista, que mostra a flexibilidade dos cruzamentos culturais de outros povos por meio dos comércios que passavam por Palmira.

4. Inscrições

4.1 Inscrições dos produtos comercializados

As inscrições comemorativas de Palmira eram em línguas locais, aramaica e nabatea, da cidade e províncias, mas quase sempre eram transcritas, ao lado, em grego, como a lei de taxação de 137 d.C., que definia as tarifas de impostos sobre os produtos que entravam nos mercados da cidade, dependendo da sua proveniência externa, regional e local. Nos escombros existentes em Palmira, fragmentos de inscrições eram dispostos em locais públicos de destaque como praças e nas principais avenidas colonadas que levavam ao mercado. No século I d.C. ainda havia poucos relatos de caravanas comerciais nos registros de inscrições murais em Palmira. Mas, já no início do século II d.C. as inscrições murais representam algumas rotas comerciais palmirenses na Ásia, que atravessavam o deserto da Síria até a cidade de Hit, nas bordas do Rio Eufrates. Plínio comentava que *“Os ricos campos de Palmira são cercados de cada lado por um vasto circuito de areia que a natureza isolou do resto do mundo. Ela tem seu próprio destino entre os dois poderosos impérios de Roma e Partia”* (Mc Laughlin 2012: 13). As inscrições da mercadoria produzida e importada eram bem visíveis nas paredes dos templos e prédios administrativos da cidade. Havia também representações desses produtos (Fig. 8). Na cidade de Palmira, as inscrições referem-se, na sua maioria, ao período do comércio mais específico da Mesopotâmia, pois atualmente, segundo alguns arqueólogos, seria mais difícil definir as rotas comerciais seguidas pelas mercadorias saídas de Palmira na vasta rede rodoviária romana, sendo mais fácil identificá-las na Síria e na Palestina para entregas aos mercados romanos da região.



Fig. 8. Fragmento arquitetônico com figurações de produtos comercializados. Fonte: Paulo Fernandes.

4.2 Inscrições honoríficas

Entre as inscrições comerciais eram muito apreciadas aquelas honoríficas que apresentam a organização das caravanas viajando através da Mesopotâmia até a Ásia Central. Esse tipo de caravanas era apelidado de *synodiai* e os mercadores e participantes delas eram definidos como “filhos das caravanas”. Os mercadores, em específico, formavam um grupo coeso para enfrentar as longas viagens e nomeavam um líder de caravana, ou *synodiarchos*.

Uma inscrição na cidade de Palmira relata que até o ano 260 a.C. a rainha Zenóbia aspirava controlar o próprio território num primeiro período de parceira com o Império Romano do Oriente. Em 272 d.C., quando Palmira tinha uma população de cerca de 200 mil habitantes, o exército da rainha Zenóbia enfrentou o do Império Romano, tendo sido derrotado. Neste

ano, depois da ocupação romana, Palmira foi declarada província romana, sendo que nesse período as fronteiras se estendiam até os limites dos territórios da dinastia Sassânida da Pérsia. Em seguida o exército romano foi substituído pelo exército da rainha Zenóbia que, pela experiência comercial mais antiga, controlava e procurava ao mesmo tempo aumentar os interesses comerciais.

No período de ocupação romana, as fronteiras eram controladas pelo mesmo exército que, em seguida, foi transferido para o deserto mais a oriente para controlar e assegurar a mercadoria que já chegava dos portos do Mar Vermelho. No ano 273 d.C., o Imperador Aureliano combate uma revolta e definitivamente afastou como prisioneira a rainha Zenóbia do Império de Palmira, ocupando oficialmente a cidade e seus territórios, anexando-os às Províncias do Império Romano. No final do século III d.C., Aureliano utilizou a rede de estradas para aumentar sua força militar e definitivamente anexar a cidade de Palmira, capital do Reino da rainha Zenóbia, que foi definitivamente afastada do poder no ano 275 d.C. e levada prisioneira para Roma.

Agradecimentos

Dra. Maria Isabel D’Agostino Fleming, Professora Coordenadora do LARP/MAE/USP. Paulo Fernandes, editoração de mapa e fotografias, T.I.

PICCINI, A. Palmira – *ἡ πόλις*. Door City of the Roman Empire to the East. *R. Museu Arq. Etn.*, 32: 203-210, 2019.

Abstract: The basis of this research project was the documentary, bibliographic and photographic survey with visits to the excavations in the field, as well the Palmyra Museum and the last visit to the Damascus Archaeological Museum in 2002. The justification for choosing this city, besides the strategic position of control of the peripheral territories of the Roman Empire far from the capital, Rome, is also evidenced by the strong presence of trading points that promoted part of the Empire’s wealth through trade with other Central Asian countries, India, China and all territories in around the Persian Gulf. The architecture of the city’s reconstruction and the archaeological remains of the Roman era reveal the grandeur and importance Palmira assumed when it was declared the City of the Roman Empire.

Keywords: Roman city archeology; Roman city in Syria; City reconstruction; Roman Province of the Near East; Urbanization of the Roman city.

Referências bibliográficas

- Fernandes P. e Piccini. A. 2018. Palmira: porta do Império Romano para Oriente - Mapa da zona arqueológica de Palmira, em Narrativa, LARP/MAE, São Paulo. Disponível em: <<http://www.larp.mae.usp.br/narrativas/>>. Acesso 26 set. 2019.
- McLaughlin, R. 2012. *Roma e o Oriente distante. Rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China*. Ed. Rosari, São Paulo.
- Plínio, O Velho. 2012. *História Natural*. Livro 12. In: McLaughlin *Roma e o Oriente distante. Rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China*. Ed. Rosari, São Paulo.
- Plínio, O Velho. *História natural*. Livro 12, 222. In: Young, G. K. 2001. *Rome's Eastern Trade: International Commerce and Imperial Policy, 31B.C.-305 A.D.* Routledge, London: 154, 155.
- Yu, Y. 1967. *Trade and Expansion in Han China: A study in the structure of Sino-barbarian economic relation*. Cambridge University Press. *apud* McLaughlin R. 2012. *Roma e o Oriente distante. Rotas comerciais para as terras antigas da Arábia, Índia e China*. Ed. Rosari, São Paulo: 40.